



## MONTAIGNE

Jakob Elias Poritzky

### Apresentação prévia e tradução de Sérgio Luís Persch<sup>1</sup>

O texto aqui traduzido é de Jakob Elias Poritzky (1876-1935).

Nascido numa província russa, seus pais vieram se instalar em Karlsruhe, na Alemanha, quando ele contava poucos meses. Era uma família de comerciantes judeus. Desde cedo aprendera a auxiliar o pai no serviço para colaborar com o sustento da família. Recebeu educação avantajada, por ter frequentado a Escola Real dessa cidade, o que também possivelmente lhe proporcionou um sonho mais ousado: quis se tornar um ator. Sonho que, todavia, era reprimido pelos pais, o que o levou a empreender mais de uma fuga de casa. Ia até Frankfurt ou Paris, aonde se oferecia para prestar serviços em teatros, em troca de cursos. Aos dezoito anos, fez uma viagem mais decidida até Berlim, a fim de estudar filosofia na universidade. A partir de então, despontou rapidamente o seu talento como escritor e crítico literário. Ao longo de anos, ele firmou parcerias com artistas e diretores diversos, nas cidades de Berlim e também de Karlsruhe. Também foi um grande promotor da difusão da literatura por meio do rádio. A sua morte aos 59 anos o poupou das aflições mais drásticas da perseguição nazista que já se abatia sobre os judeus. Sua mulher, a poetiza Helene Orzolkowska, e sua filha única, a cantora Ruth Rebekka, foram deportadas a um campo de concentração em 1940, onde morreram.

A produção literária de Poritzky se desdobra em mais de uma frente. Várias das suas obras são de “belas letras”, tais como: *Meu inferno* (1906), *Histórias de amor* (1912) *Histórias de fantasmas* (1913), *A força invisível* (1925), *Melancolia* (1927), dentre outras. Ao gênero de ensaios críticos pertencem: *Imago mundi* (1918), *Poetas demoníacos* (1921), *Os eróticos* (1921), *Franz Hemsterhuis: sua filosofia e sua influência sobre os alemães românticos* (1926), além da que está em questão aqui e de outras. Poritzky também foi editor de Ernst Moritz Arndt, Giacomo Casanova e Johann K. A. Musäus.

---

1 Professor Dr. Adjunto de Filosofia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). slpersch@yahoo.com.br

Este ensaio sobre Montaigne é o primeiro capítulo de um livro chamado *Geist und Schicksal (Espírito e destino)*. Consiste, o projeto geral do livro, em elaborar uma série de retratos que são representativos do espírito moderno e/ou contribuem significativamente para o rumo que a humanidade toma, ou então, a “sina” (*Schicksal*) da modernidade. A postura que Poritzsky toma em relação ao que ele chama de “sina” da modernidade é bastante crítica. Tanto que, para o final do livro, ele trata do problema do judaísmo e antissemitismo (e da cultura do ghetto) considerando-os fenômenos resultantes das tendências hegemônicas da cultura moderna. E a própria modernidade enquanto tal, o autor inverte o sentido que ela teria atribuído a si própria como idade esclarecida, contrapondo-a como uma recaída na obscuridade frente às luzes renascentistas. É por isso que esses gênios que permanecem um pouco à margem das figuras que conhecemos como instituidoras propriamente ditas da modernidade (Descartes, Hobbes...), Poritzky os coloca na dianteira, como é o caso de Montaigne e, logo na sequência, Pascal. Ele os vê como referências críticas e esteios de resistência frente ao que forçosamente teríamos que admitir como uma voragem excessiva e nefasta da modernidade a nos impor uma sina bem pouco desejável. Entretanto, essa atmosfera geral um tanto quanto pessimista que se depreende do livro como um todo não prejudica o tom alegre, com traços finos de ironia, que percorre as páginas e cada um dos capítulos, a exemplo deste, sobre Montaigne.

Trata-se de uma apresentação livre que contempla os traços biográficos gerais do filósofo seiscentista e algumas das suas ideias que figuram nos *Ensaio*s – coisas certamente bem conhecidas pelos leitores de Montaigne, mas abordadas com um toque de originalidade que pode suscitar o interesse. O autor se encontra relativamente distante de nós e, conforme já aludido, o seu legado (expressamente judeu) passou pelas garras do nazismo e, como tantos outros bens literários, não teve um resgate digno após a guerra.

Assim, não nos interessam somente os feixes de luz que o autor projeta à sua maneira sobre a vida e a obra de Montaigne, com seu esforço de fazer com que cintilem certas particularidades; interessa-nos também desvendar algo do próprio intérprete e do lugar de onde escreve. Quando hoje revisitamos escritos que há algum tempo não têm vindo mais à luz mediante edições novas, jazendo no esquecimento de duas ou mais gerações, rapidamente percebemos que isso não se deve apenas ao fato de se terem tornado desinteressantes com o tempo; tal esquecimento pode ter razões que nos permanecem ocultas e, portanto, são capazes de nos subsidiar para autocríticas.

Segue a tradução.

## MONTAIGNE

No ano de 1477, o afortunado comerciante de Bordelais, Ramon Eyquem, comprou o Castelo de Montaigne, nas proximidades de Castela em Périgord. O seu filho Grimon promoveu a fama da Casa Comercial e o prestígio da família. Deste, o primogênito, Pierre Eyquem, seguiu rumo diferente e se tornou soldado, cruzou pela Itália enquanto guerreiro e trouxe de volta para casa uma judia espanhola, que veio a ser sua mulher. Esse venerável cidadão se tornou o burgomestre de Bordeaux e, além disso, pai de onze filhos; outro luxo ele não se concedeu. Desses onze, viveram oito – *une race fameuse en prud’homme* – e o mais velho é Michel Eyquem, o autor dos *Ensaio*s, nascido em 28 de fevereiro de 1533.

Seus padrinhos de batismo eram mendigos miseráveis; as impressões de seus dois primeiros anos infantis – pressupondo-se que tais impressões precoces geralmente influenciam o subsequente desenvolvimento do homem – eram de pobreza e de fome. O pai teve o propósito de vincular o filho com a gente mais baixa e reprimida, a fim de acostumá-lo a “olhar mais àqueles que nos estendem as mãos, ao invés daqueles que nos dão as costas”. Mas a partir do terceiro ano, Michel passou a ser tão paparicado pelo pai, de tal forma que não nos surpreende ouvir Montaigne falar tantas vezes e com tanto amor do seu pai, ao mesmo tempo em que guarda a mãe em um silêncio absoluto. O pai pensava mal da escola. Escolheu um médico alemão para ser o tutor do seu pequeno Michel, que só podia se comunicar com ele em latim, assim como também os próprios pais, os lacaios e a empregada entretinham-se com ele somente em latim, de modo que o latim se tornou propriamente a sua língua materna. Com efeito, quando, mais tarde, ele se irritava com alguma coisa, não era em francês que xingava, mas sim, em latim perfeitamente declinado. Nos momentos de irritação, nos quais o verniz da educação sempre se mostra muito quebradiço, Napoleão, o Corço, também costumava emitir palavras em italiano. O jovem Montaigne aprendeu o grego com a mesma desenvoltura avantajada com que aprendeu o latim, assim com as demais especialidades escolares. Todas as manhãs ele era despertado com um concerto tocado na espineta – tomo isso como digno de nota, porque a sua prosa é marcada por um ritmo musical –, e começava o dia recebendo mimos e carícias. Não obstante – seja dito isso para os pedagogos e psicólogos! –, tornou-se um homem.

O francês, no qual ele se tornaria um mestre exemplar, somente aprendeu-o no ginásio. Depois estudou jurisprudência para logo em seguida desprezar todos esses estudos desde os fundamentos. Aos vinte e um anos ele chega a ser juiz e, aos vinte e dois, membro do parlamento de Bordeaux. Com a idade de vinte e quatro anos, conhece Étienne de La Boétie e, da íntima e entusiástica amizade que uniu ambos, ele extraiu uma lição de fortalecimento moral, eternizando mais tarde a lembrança do seu amigo prematuramente falecido com uma página iluminada de

glória; o capítulo “Da amizade” (I, 27) foi sem dúvida o texto mais caloroso que Montaigne escreveu. Por “lição de moral” eu não entendo uma lição de continência, pois Deus sabe como Montaigne não passou por essa. Não somos capazes de formar uma ideia do que seria dele se, após os anos boêmios, que tão bem se equiparam com aquilo que se designa por “*Sturm und Drang*”<sup>2</sup>, ele não tivesse contraído o laço do matrimônio; um matrimônio convencional com uma mocinha que trazia como atrativo especial a grandiosa posse de bens.

Não foi o amor que selou esse casamento, porém, o ouro; Montaigne disse: a esperteza. “De que adianta, ficar se estressando com o casamento? O costume generalizado quer que assim seja”. Esse sponsal de trinta e três anos falava do dinheiro como se já tivesse lido a *Filosofia do Dinheiro* de Georg Simmel. Do casamento de Montaigne resultaram várias crianças, das quais “duas ou três” morreram, conforme disse de modo tão ateu, com uma displicência tão gentil, o próprio pai desnaturado. Somente uma filha lhe sobreviveu. A função de juiz, ele manteve ao longo de dezesseis anos; durante dezesseis anos, ele cruzava diariamente pelas altas cortes do sofrimento e da tortura; com efeito, que as barbaridades da justiça punitiva de então tenham desgastado os seus nervos, fatigando-o, é algo que não há de se estranhar em se tratando de um espírito que tudo perdoava porque tudo entendia, e que tinha ambições bem diferentes do que infligir torturas e bancar o carrasco dos estúpidos e desvairados. Mas é possível entender que essa cabeça, a mais inteligente do seu tempo – La Mettrie o denomina de primeiro francês que ousou pensar –, sentisse vergonha de se chamar Michel Eyquem? De fato, desde o momento em que o seu pai o tornou herdeiro do Castelo, ele se autodenomina obstinadamente Michel de Montaigne. E que seja ele da nobreza, ou pelo menos tenha sido predestinado a ela, é algo de que ele dava provas explícitas, quando adorava a corte parisiense e atribuiu valor mais elevado a uma condecoração real do que ao conjunto dos seus ensaios, dos quais aparecem os dois volumes iniciais em 1580, intitulados: “*Essais de Messire Michel, Seigneur de Montaigne, Chevalier de l'ordre du roi et gentilhomme ordinaire de La chambre*». [Ensaio de Monsenhor Michel, Senhor de Montaigne, Cavaleiro da Ordem do Rei e Conselheiro Ordinário da Câmara]. Ele valorizava todo tipo de poder, porque gostava de viver confortavelmente e sem ser molestado. Tal como aquele sábio judeu russo, Montaigne também não gostava de contrair compromissos com o governo; porém, mantinha-se à disposição para participar de qualquer tipo de influências. Conhecia o tempo e o humor dos grandes. Sabia de maneira muito precisa em que medida era possível aproveitar-se dos poderosos e em quais domínios teria que contar unicamente com as suas próprias forças. Tinha um olhar muito aberto para as relações do seu tempo e demonstrava preocupação, calma e serenidade em todas as circunstâncias.

2 “Tempestade e ímpeto”, expressão utilizada para nomear o movimento romântico alemão, na segunda metade do século XVIII. [N.d.T.]

Quem visita hoje o castelo de Montaigne, no qual o nosso camareiro real recebeu duas vezes a visita do seu nobre amigo, o Rei de Navarra, Henrique IV, ainda pode lançar os olhos na sua sala de estudos, aonde descobrirá afrescos bem desbotados das *Metamorfoses* de Ovídio nas paredes – Ovídio foi o primeiro autor que o menino de sete anos havia lido –, que estão emoldurados com cinquenta e quatro inscrições latinas. “*Quantum est in rebus inane*” [Quanto há de vazio nas coisas], soa uma delas; “*per omnia vanitas*” [a vaidade está em toda parte], a outra; contudo, nem tais inscrições, nem o modo de vida de Montaigne mostram que ele se colocava lado a lado com a sabedoria salomônica. Na sua biblioteca em forma de torre, Montaigne viveu nove anos ricos em trabalho, gozando de solidão e de uma vida toda moderada. Ali se desenvolveu não somente o complexo de todas as suas ideias, mas também o dolorido sofrimento do cálculo renal, que herdara do pai juntamente com o Castelo. Resolveu então viajar durante um ano e meio, animado por um impulso de movimento tão grande quanto a insaciável sede do seu espírito, visitando todos os balneários da Suíça, da Alemanha e da Itália, e tomou uma quantidade inacreditável de água mineral. Tal como Goethe, ele também escreveu um diário italiano, e é muito interessante de se notar que Montaigne não dedica uma única palavra àquilo que foi o assunto exclusivo de Goethe: a natureza. Também é praticamente nulo o interesse de Montaigne pela arte. Em vez disso, ele estuda o *homem* com o mais fanático e apaixonado interesse, e nenhum esforço, nenhuma fadiga, nenhuma despesa lhe são excessivas para dissuadi-lo da sua curiosidade inesgotável e constante pelo homem. E qual é a finalidade dos seus estudos? “Considero todos os homens como meus concidadãos e gosto tanto de um polonês quanto de um francês”. Por isso as viagens lhe proporcionaram a melhor maneira de se instruir e formar, pois ensinam-nos a “escovar, alisar e polir o nosso cérebro em nações estranhas”. Em Roma ele permaneceu durante cinco meses. As ruínas lhe agradaram somente na medida em que ele as povoava com os homens de um mundo passado; queria mesmo era vê-los falar, andar, comer; isso lhe parecia mais importante do que ler os seus escritos. A censura papal teve algumas reservas com o tom tolerante dos seus *Ensaaios*; mesmo assim ele foi recebido pelo papa e pôde beijar-lhe os pés.

O seu desejo mais ardente foi obter a cidadania romana, e o desejo foi realizado. No sanatório de Ferrara, ele visitou o desafortunado Tasso. Em Loretto, inaugurou uma placa de homenagem. Nos balneários de Lucca, ele recebeu a notícia de que tinha sido nomeado Burgomestre de Bordeaux; foi a terceira coisa que herdou do pai. Escreveu imediatamente para as autoridades competentes, para dizer-lhes que arcaria com as obrigações representacionais, mas que não se ocuparia com as obrigações administrativas, como o fizera seu pai. Considerava que não era tarefa para a sua vida, sacrificar a sua pessoa a uma cidade. O Burgomestre e Montaigne eram duas pessoas totalmente distintas; em suma, ele ficou preocupado para o efeito de que, apesar de tudo, poderia ser eleito. E passados os primeiros anos do seu ofício, a nomeação desse Burgomestre sereno foi renovada, uma vez que, quando eclodiu

a guerra civil de Bordeaux, ele conduziu o seu delicado ofício de maneira muito sábia e conciliatória. Entretanto, no verão de 1585, ele teve que fugir do Castelo com a esposa e a filha, por causa da peste – penso num daqueles quadros inflamados de Erler –, perambulando errante à procura de abrigo e alimentação, um hóspede indesejado em toda parte. Nessa hora, Montaigne não se comportou como um herói; deixou a cidade em paz com sua retirada e se refugiou numa pequena aldeia, onde obteve uma deputação dos bordaleses, que lhe solicita continuar a exercer o seu cargo de Burgomestre.

Entrementes, os seus *Ensaio*s já tinham sido publicados em várias edições. Quando estava para sair a quinta tiragem, cuja impressão ele próprio supervisionou em Paris no ano de 1588, conheceu a Senhorita Marie de Gournay, por quem se apaixonou profundamente. Na verdade, para manter uma distância paternal, ele a chamava simplesmente como a sua *fille d'alliance* [filha matrimonial]. Essa *très sainte amitié* [amizade muito franca e profunda] perdurou por quatro anos. No dia 13 de setembro de 1592, quando mal acabava de completar sessenta anos, Montaigne sucumbiu ante uma Influenza, e a Senhorita de Gournay preparou depois, em 1595, uma nova edição dos *Ensaio*s, para os quais ela própria escreveu o prefácio.

Histórica e humanamente, Montaigne se encontra nas fronteiras de duas idades: no domínio da arte, a Renascença é substituída pela Idade do Barroco; politicamente, a reforma empunhou armas contra o papado. E os pensadores que foram chamados pelo destino a ocupar semelhantes tribunas assumem de antemão uma posição crítica relativamente à transformação do ser humano, à qual eles próprios se veem submetidos em certo grau. A arte e a ciência, que até então dominavam a totalidade do ser, finalmente se encontram dominadas pela igreja. Uma vez que o homem se havia saturado das alegrias da vida, a igreja vence o seu jogo com muita facilidade. A um período de voluptuosidade se segue um período de resignação, de pessimismo, de ascese rabugenta e de exaltação religiosa. O povo vive a ordem do dia, não tem convicção nas suas próprias confissões, ama sem a alma e se torna afeminado. A fantasia natural e despreocupada e a sensibilidade sadia se transformaram em voluptuosidade esnobe. O cavaleiro se tornou um herói de opereta. Força e energia são mal vistas. Da alcova do amor, corre-se diretamente para o confessionário da ascese. O próprio amor se tornou de todo outra coisa. Procuram-se excitações hiper-refinadas e complicadas, ansiedades entusiásticas, delicadezas confusas. Amam-se sonhos e atrativos mórbidos. Os nervos excitados reclamam por impressões estimulantes. Os homens de uma sensibilidade jovial, as deusas e mulheres voluptuosas tiveram que ceder lugar aos mártires moribundos, às Marias em pranto, a cadáveres e cenas de enforcamento por condenação religiosa. Em suma, o que se espraia é um zelotismo ermo. Na literatura, assim como na pintura e na música, tudo se dissolve em lágrimas; não se procura mais surtir efeito sobre os sentidos, porém, sobre as glândulas lacrimais.

É bastante compreensível que um espírito abrangente e claro como Montaigne tenha encarado às gargalhadas esse modo de vida dos seus compatriotas e que ele prefira se ver livre dessa poeira. Que tipo de comunidade ele poderia formar com os seus compatriotas contemporâneos, cuja principal razão da existência se encontrava no além? Ainda que ele não meça esforços para ir a Roma e ser recebido pelo papa, sua motivação é o conhecimento e a curiosidade, mas de forma alguma a disposição comum dos seus contemporâneos. Em todas e quaisquer situações, ele permanece o autor de seus *Ensaio*s.

Esses ensaios do cético francês, de começo, têm um parentesco fora do comum com aqueles do crente americano Emerson, o qual, em seus *Homens representativos da humanidade*, dedicou um ensaio magnífico a Montaigne e reconhece que, na sua primeira leitura de Montaigne, pareceu-lhe que ele próprio havia escrito tudo aquilo. O estilo de Emerson também é tal que, assim como em Montaigne, de começo são apresentados mais frutos de leitura do que ideias enraizadas. Somente aos poucos Montaigne deixa transparecer a bagagem imensurável da sua experiência relativa ao ser humano e a densa experiência que ele tem de si próprio. Pois não é somente dos outros, mas também de si próprio que ele fala sem reservas, com frieza, não esconde defeito algum, nada atenua, porém, é indecente, honesto, objetivo, gosta de bater papo e não tem nenhuma inclinação em se fazer melhor do que efetivamente é. Ele escreve como se tivesse em suas mãos um espelho. É o mais franco e sincero dentre todos os escritores, um homem de uma legitimidade inabalável. Ele de fato jamais encobre a sua boca com uma folha, nem mesmo ali aonde vez por outra ela estaria no devido lugar. Entretanto, as suas franquezas sem rodeios são plenamente inteligíveis e, além do mais, parecem bastante suaves, quando nos lembramos que elas foram escritas ao longo da década de 1560-1570.

Percebe-se, em momentos nos quais Montaigne vem desempenhando já por muito tempo o papel de cortesão, que de vez em quando ele é vencido pelo nojo frente a toda a tralha que o cerca; sua reação, nesses momentos, é injuriar e praguejar feito marinheiro numa tempestade, fazer pilhérias grosseiras e falar nas línguas dos ciganos. Às vezes ele se satura da solene toga oficial de juiz. Deixem-me fugir para a terra dos canibais! Tragam-me um cavalo e sairei correndo mundo afora pelo ar puro, e que caia chuva de chumbo e enxofre! Que fique para trás a maldita civilização, que inunda até o pescoço. Seu modo fino e despido de falar, uma certa franqueza bíblica e uma leviandade totalmente livre de toda espécie de canonização fazem com que a sua leitura sirva como uma espécie de martírio estético inclusive para homens de sensibilidade apurada. Isso não impede que seja ele um dos poucos autores aos quais justamente os governantes e príncipes, a quem é tão raro ouvir uma linguagem natural, dediquem o seu tempo de leitura. Mas seja quanto for que nós o censuremos, ninguém jamais é tão duro quanto o é ele próprio consigo. Ele se atribui todos os vícios, e ainda que também tenha virtudes – diz –, na verdade

não sabe como chegou a adquiri-las. Todo o homem há de ter merecido o patíbulo por pelo menos seis vezes; ele próprio não quer, de modo algum, ser uma exceção a essa regra. “Que um tipo desses tenha se posto a escrever, é algo que deveras contribuiu para aumentar o desejo de viver neste mundo”, exclamou Nietzsche cheio de entusiasmo, quando chegou a conhecer Montaigne; “se nos fosse dada a tarefa de nos adaptarmos a este mundo, eu sem dúvida o tomaria por guia”.

Em cento e sete ensaios na forma de folhetins, ele fala sobre sociedade, estudo, educação e instrução, amizade e ódio, amor e morte, glória e mentira, livros e homens; entretanto, jamais lhe ocorre de se manter fiel e consequente ao título de qualquer ensaio; pelo contrário, seu propósito consciente é muito mais o de se afastar da proposição inicial e vaguear, justamente para impedir qualquer sistematização do seu pensamento e, dessa forma, ele discorre por meio de conversações totalmente frescas sobre aquilo que, na hora, desfila pela sua cabeça. E tudo aquilo que é do seu agrado particular, ele também consegue tornar caro ao leitor. Não sentimos um só minuto de tédio com ele. Seus ensaios, por menos literários que sejam, são transbordantes de ideias, ainda que não sejam ideias aprofundadas. Ele não só despreza todo saber douto e todo conhecimento racional; é também a sua mais profunda convicção, que a maior doença do ser humano é o seu desejo de conhecimento e a vaidade da sua razão pretensamente divina. É impossível falar com maior menosprezo frente a todas as ciências do que o faz Montaigne. Diante dele, a coleção dos “Livros Azuis” não representa mais do que um menino órfão. Não temos outra vantagem com relação aos animais, senão a nossa infeliz capacidade de pensamento, a fonte de todo obscurantismo e de todas as desgraças culturais. Toda a nossa gritaria em torno da noção de virtude é antinatural e convencional. Somente obedece às leis dos costumes, aquele que obedece às leis naturais. Ascese é sem sentido, porque nós temos sentidos. Por acaso a natureza nos teria provido de dentes, se não fosse para deles fazermos uso? Em contraposição, o disciplinamento dos impulsos vitais seria o nosso ideal, a cuja procura Montaigne obviamente não demonstrou muito zelo. Ao longo de alguns milênios, acreditava-se no movimento do sol; de repente, Copérnico ensina o movimento da terra. “Quem sabe se, daqui a mil anos, uma terceira doutrina não acaba jogando por terra todas as duas que a antecederam? E qual outra lição deveríamos aprender com isso, senão a de que devemos nos manter indiferentes relativamente ao direito desta ou daquela doutrina?” Por isso, o esforço empreendido em favor da ciência é inútil. O selvagem, na sua condição natural, é o ser verdadeiramente feliz. Maldito seja todo saber! Maldito seja o espírito humano, esse “perigoso demarcador de territórios”, que dissemina a desgraça pelo mundo todo, tal como a ratazana espalha a peste. Um imbecil, esse que consome os seus miolos com o estudo de Aristóteles. Montaigne nada quer saber do hábito do professor, nada do amontoado de livros de quem está preso em uma sala de leitura, uma criatura pálida, impura, frágil, digna de compaixão. Por que quebreis as vossas cabeças, seus bacalhaus filosóficos, sobre Deus e o além? Nada mais ireis

extrair acerca de questões semelhantes do que isso que externam os animais em seus estábulos. Com efeito, tudo o que podemos reconhecer com clareza é que nós jamais atingiremos um conhecimento claro acerca dessas coisas. Por isso, abaixo a metafísica, a lógica, a dialética, a retórica e todo o resto de inutilidades das tralhas escolares! Fora com esse desejo imoderado de conhecimento, cuja satisfação só leva muitos à imbecilidade! Não fui posto no mundo para investigar Deus ou o além, mas sim, para examinar as coisas que eu efetivamente posso *conhecer*. Não há ninguém que tenha arrebatado a verdade sozinho; todos os filósofos têm razão e, por conseguinte, todos igualmente erram; tudo tem duas faces, até mesmo cem faces. Mas por que essa busca desenfreada de fantasmagorias e quimeras? Em vez disso, ocupemo-nos com a realidade que nos cerca! Um mundo agarrado nas mãos vale mais do que dois mundos na fantasia. Por isso, deixai-nos levar uma vida forte, humana, positiva!

Como bem se pode notar, essas são também as ideias de Locke, Rousseau, La Mettrie e muitos outros, que aqui vêm antecipados e que – tal é a ousadia de Montaigne – dirigem-se a uma geração que justamente viveu a renascença de todas as artes e, antes de tudo, da ciência. E ao mesmo tempo é preciso também lembrar que Montaigne dá esse sorriso humano e cheio de compaixão entre o período que se estende da fogueira dos réus de Felipe II e da carnificina que ocorreu pouco depois na Alemanha. Eu quero sossego – é o clamor que ele dirige ao caos do seu tempo efervescente. O que entende ele pela reforma? Uma assustadora violação da paz. As preocupações referentes à gerência da economia, ele faz questão de delegar para outros; prefere ser vítima de alguma manipulação, ao invés perturbar a sua paz fazendo contabilidade. A paz é a primeira obrigação civil, reza o prefeito de Bordeaux. Perseverem na vossa paz, porque, de qualquer forma, daqui a cem anos tudo restará indiferente! Frente à sua disposição para a dúvida, que, com a famosa “Que sçais je?”, tudo belisca e nada, absolutamente nada poupa, somente duas tarefas subsistem: a crença em Deus, com a qual mesmo assim ele jamais se torna tão religioso ou acalorado como Pascal, e o sumo valor do viver com arte neste mundo. Esta última é uma herança do Renascimento; aquela explica por que Montaigne viveu como um católico bravo e morreu como deísta. Isso não impediu que o seu credo se alimentasse de sentimentos pagãos acerca do além, à semelhança dos antigos, e que ele encarasse a morte como nada além do termo natural de uma existência limitada.

Cem anos após o seu surgimento, em 1676, os *Ensaio*s foram indexados à lista de livros proibidos.

Montaigne nunca foi capaz de perceber grandes concatenações. Por isso mesmo, ele percebia com muita acuidade o indivíduo, o microcosmo individual do ser singular. Em consequência disso, a sua moral e a sua pedagogia também são individualistas. Ele odiava as escolas embrutecidas, essas instituições que deixam

gente estúpida, nas quais as crianças são detidas em trabalhos como se fossem animais de carga, a fim de torná-las sistematicamente estúpidas; onde no máximo se aprende a declinar a virtude, mas jamais a amá-la – eu cito Montaigne. Abaixo o grego e o latim, exclama ele; o que jaz morto, permaneça morto. Em vez disso, sejam inseridas nas escolas línguas vivas, modernas! Que a juventude pratique esportes; assim aprenderemos a fortalecer as vontades dela; que não seja ela carregada com a tralha do conhecimento, mas sim, seja dotada da faculdade de juízo; seja-lhe mantida ante os olhos algum par exemplar de homens: Homero, Alexandre, Epaminondas, Plutarco, Sêneca, e o mestre de todos os mestres: Sócrates. São esses que Montaigne ama e pelos quais o seu modo de ser e seu estilo são fortemente influenciados. Podemos inclusive nos presentear com a leitura dos antigos, após termos lido Montaigne. Oradores eloquentes e polidores de palavras ele odeia. Seu estilo único é realista, entremeado de provincialismos; não lhe faltam metáforas vivas e medulares. Sua escrita é toda positiva, de uma saúde originária, e jamais ele se serve de superlativos. Aquele sentimento que Bismarck havia descoberto, o da indiferença, muitas vezes parece conduzir a sua pena. Entretanto, às vezes as suas frases também são rebuscadas, cheias de parênteses, densas, antigas. A sua capacidade de produzir figuras é original, inesgotável, enérgica, alegre. Ele é rico em cores como um dia belo e cheio de néctar como uma uva sadia. As damas ele trata como uma *quantité négligeable* [parte insignificante] embora ou talvez porque ele próprio tenha caído nas malhas de uma *femme savante* [mulher erudita] a Senhorita Gournay. São palavras que ouvimos desse velho gascão: de que adianta tentar se esquivar do amor? É do uso dos homens, passar por essa doença.

Caso se queira ter uma ideia do quanto ele significou para muitos homens, basta lembrar que Shakespeare o leu com muito zelo; mas não há dúvida de que Montaigne se encontra mil vezes mais perto de todos nós do que Shakespeare. O universo extraordinário de Shakespeare não espelha o nosso mundo e somente oferece pouco à vida interior do homem dos nossos dias. Exceto o historiador de literatura, praticamente nenhum outro homem do século XX ainda tem uma relação espiritual ou até mesmo anímica com aqueles numerosos dramas régios; muitas das suas comédias são muito antiquadas e de um humor que já não nos arrebatava mais. E quem quer que se faça a pergunta honesta – e nós afinal o queremos! – há de convir que mesmo aquelas poucas obras grandiosas votadas para a eternidade nos deixam indiferentes em muitas partes; representadas sem um colorido atual, ninguém mais há de suportá-las, caso o respeito diante desse nome grandioso não determine de antemão todo julgamento. Com Hamlet vale exclamar: Hécuba!

Montaigne, até aonde podemos ser objetivos, nos está incomparavelmente mais próximo; ele tem algo a dizer para qualquer um; a sua humanidade permanecerá válida mesmo para os homens do ano três mil.

Seja também lembrado que Montaigne foi o único grande escritor que Lord Byron leu com admiração; e além disso, que num túmulo do Père-Lachaise em Paris, lapidado em 1830, quando ainda se gravava no túmulo de um finado o fim último da sua sabedoria e o essencial da sua vida, consta que aquele cidadão havia se tornado virtuoso por meio dos *Ensaíos* de Montaigne. Entretanto, nós consideramos mais importante que a sua obra deixe marcas renovadas em nosso espírito. Ali, no fim das contas, é ainda menos provável que ele se apague do que no granito do cemitério.

## Referência

PORITZKY, J. E. (*Problemas e retratos*): *Espírito e destino*. München: Rösl & Cia., 1922.

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)

Sistema de Avaliação: revisão por pares “duplo-cego” (Double Blind Review)

Recebido em 06/12/2019. Aprovado em 13/01/2021



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.